Isabela Figueiredo

A Gorda

ROMANCE

CAMINHO

A Gorda é o primeiro romance de Isabela Figueiredo, bem conhecida do público pelo livro *Caderno de Memórias Coloniais* (6.ª ed. Caminho, 2015). E conta a história de Maria Luísa, a menina gorda, que se vê a si própria como horrivelmente gorda, e cuja vida é fortemente condicionada por este sentimento.

Mas Maria Luísa tem também outro traço de caráter muito importante: está cá para viver a sua vida, para gozar a sua vida, não se deixa abater, e não soçobra. Sofre humilhações, desgostos de amor, traições, a morte do pai e da mãe (que vive com a sua solidão de filha única), mas não soçobra. Nunca.

Em ***A Gorda*** encontramos, traduzidos numa prosa literária do mais alto nível, quadros de um intenso dramatismo que não deixa ninguém indiferente.

A Gorda é certamente um dos melhores romances que ultimamente se escreveram e publicaram entre nós.

Advertência

Todas as personagens, geografias e situações descritas nesta narrativa são mera ficção e pura realidade.

Porta de entrada

Quarenta quilos é muito peso. Foram os que perdi após a gastrectomia: era um segundo corpo que transportava comigo. Ou seja, que arrastava. Foi como se os médicos me tivessem separado de um gémeo siamês que se suicidara de desgosto e me dissessem, no final, «fizemos o nosso trabalho, faça agora o seu e aguente-se. Aprenda a viver sozinha».

Com a gastrectomia deixei de conseguir comer. Bebia caldos, leite e sumos. Sentia doer o corpo e a mente. Sentia fome profunda, mas tinham-me cortado metade do estômago e o que restava era uma ferida. Nos primeiros meses perdi força e cabelo, e caminhava lentamente, adaptando-me. O meu corpo diminuía à razão de 250 gramas por dia, e comecei a ficar leve, quase a levantar voo, como não me sentia desde a infância. Subia oito andares sem ficar a arfar e podia continuar mais oito, os que fossem necessários, porque nada me detinha. Testava-me através de diversos esforços.

«Vamos lá ver se consigo caminhar 20 quilómetros», e conseguia. Não me tornei invencível. Ainda penso como gorda. Serei sempre uma gorda. Sei que o mundo das pessoas normais não é para mim. Continuo a ter o defeito, mas não se vê tanto; tornou-se menos grave. Há momentos em que me parece ter ganhado uma nova vida, como os que passaram por experiências de quase morte, viram o túnel para o outro lado, com a atraente luz branca no final, chamando-os, mas escolheram voltar. Eu também tenho escolhido, e mesmo que já ninguém me exclua, excluo-me eu, à partida. Conheço muito bem os meus limites. Aquilo a que posso aceder e o que me está vedado para sempre. Os aleijados são, como se diz dos diamantes, eternos.

A mamã morreu no ano passado, pouco depois de Bento XVI ter renunciado, logo substituído pelo Papa Francisco, homem bondoso, compreensivo, humilde, de boa cepa, aparentemente desinteressado do poder material, todo espírito: a versão masculina da mamã. Foi o ano em que Edward Snowden revelou ao mundo que o *Big Brother* existe fora da ficção e os portugueses emigraram aos magotes para qualquer lugar do mundo onde arranjassem um salário com que alimentar os filhos e pagar as hipotecas das casas. A mim, o que me valeu foi ter emprego certo, resultante da prestação de serviço ao Estado, que depende de mim para manter os futuros eleitores na conhecida brandura de costumes que caracteriza o nosso povo. Sou professora de Filosofia

numa escola problemática, onde se defende que o pensamento não interessa, apenas a ação e os resultados. Sei perfeitamente o que o Estado e a sociedade esperam de mim, e dou ou não, conforme a minha lei. Nunca consegui perder o idealismo adolescente que o senhor diretor contrariava no colégio da Lourinhã, em 1978, embora hoje reconheça a sua sabedoria prática. Não se pode dizer que 2013 tenha sido um ano desinteressante. A mamã toda a vida soube escolher as alturas certas.

Quando após a sua morte vieram os cortes da *troika* sobre a sua pensão e subsídio de invalidez, respirei de alívio por ela já não estar viva e eu não ter de lhe explicar que íamos passar a subsistir ainda com menos, porque o nosso Governo e a União Europeia garantiam que antes tínhamos andado a viver acima das nossas possibilidades, logo éramos para exterminar. Ainda bem que a mamã não teve de assistir totalmente à derrocada da grande democracia, que se preparava para lhe cortar os meios de subsistência. Já há dois anos que eu lhe escondia que devolvia ao Estado, em IRS, parte da sua modesta pensão, que saía inteira do meu subsídio de férias. Não podia dar-lhe desgostos por medo de que a estenose na aorta, de que padecia, se agravasse, mas não seria possível esconder a realidade mais tempo. Sejamos práticos, eu pagava tantos impostos e tantas contas que já perdera a capacidade de desencantar dinheiro, de o fazer aparecer onde espreitasse. A morte da mamã foi um alívio. Ter morrido no ano passado

quer dizer que ainda me viu perder os quarenta quilos, aventura iniciada dois anos antes, quando Passos Coelho entrou para o Governo. A gastrectomia não foi barata, mas pagou-se com o que economizo em alimentação. Grande orgulho dei à mamã, que partiu com a ideia de que hei de ganhar em longevidade ao papá, como tanto desejava. Tal como ela, também eu sei escolher as alturas. Não lhe herdei apenas o grupo sanguíneo.

Estamos em 2014. A mamã foi-se. Um dia chegará a minha vez; tarde, espero, mas entretanto arrumo os armários, na mudança de estação, desdobro camisolas, observo-as, e mal acredito que era aquela roupa que me pertencia há um par de anos. As cuecas grandes e os sutiãs velhos! Pijamas enormes abandonados nas gavetas! Camisolas e calças gigantes! Tudo larguíssimo, desemparceirado, gasto, de má memória. Custa-me enfrentar o tamanho das roupas. Não quero visualizar-me metida dentro de panos que me transportam a muitos quilos e dores atrás, nem voltar a parecer uma mulher que não se consegue olhar ao espelho, mas não sou capaz de deitar fora a roupa que me vestiu, que se encostou sem vergonha ao meu corpo doce e mal tocado. Ela não se envergonha do que fui. Acredito que os objetos têm uma aura, uma relação com os seus companheiros humanos, uma vida. Tenho dificuldade em desfazer-me do que viveu na minha companhia, e a minha roupa de gorda foi

paciente companheira e testemunha de sentimentos e gestos, de sucessos e fracassos. Talvez possa oferecê-la, para que progrida na carreira com outra amiga, mas é uma brutalidade chegar junto de uma pessoa e dizer, «já que a senhora continua gorda, porque eu melhorei bastante, veja lá se estas calças lhe servem?!» Não se faz! Ninguém quer ser lembrado pela sua deformidade. Seria como oferecer calças sem pernas a um perneta. Uma ofensa. Talvez ainda possa reciclar alguns fatos, aproveitando o tecido para confecionar sacos da roupa suja ou panos de pó. Entretanto, guardo tudo. Guardando, ganho uns meses, dentro dos quais decidirei o que fazer aos trapos larguíssimos, coçados na anca e nas mamas. Enfio em caixas de cartão as antigas roupas da gorda triste que sorriu ao longo do percurso, guardo-as no armário do quarto e adio a decisão. Uma de cada vez, conforme se vai conseguindo tomar. Ganho assim o tempo necessário para o distanciamento e desapego, porque o que fica longe da vista se vai inexoravelmente afastando do coração. Não está nas minhas mãos. É a lei da sobrevivência.

Depois da gastrectomia não fiquei nada mal! Vestida disfarço as imperfeições. Nunca terei um corpo como o da Tony, suficientemente esbelto para agradar ao David, mas confesso que me tornei vaidosa, e digo a verdade por me custar desperdiçar a sua extrema pureza.

De vez em quando o elevador da casa dos papás, agora minha, avaria, e é necessário subir as escadas até ao sexto andar. Antigamente o esforço

torturava-me, mas agora gosto. Subo-as como uma atriz que pisa os degraus do palco forrados a passadeira vermelha, sorrindo e acenando aos fotógrafos, e digo-me, «que vitória, Maria Luísa, e que proeza! Quem diria?!»

O espelho do elevador costuma quebrar-se quando há mudanças no prédio. Aborrece-me, porque é nele que pinto os lábios, à pressa, a caminho do trabalho. Quando era gorda evitava ver-me refletida, mas hoje miro-me, usufruindo a minha beleza madura. Por vezes considero que perdi muito tempo, no passado, desgostando de mim, mas reformulo a ideia concluindo que o tempo perdido é tão verdadeiramente vivido na perdição como o que se pensa ter ganho na possessão. E volta o sossego.

Quando regresso a casa, a porta de entrada abre para um *hall* escuro, sem claridade. Atravesso-o e, ao entrar em qualquer compartimento, recebo chapadas de luz impiedosa, quer na frente, virada a poente, quer nas traseiras, para nascente. A luz dói nos olhos. Custa-me suportá-la, mas amorna o espaço e alegra os dias. Quando me sinto triste telefono ao Leonel, que me faz rir com os seus planos para ainda termos filhos em conjunto. Digo-lhe, «homem, já entrei na menopausa», mas ele responde que não faz mal, que «vamos à Califórnia, porque lá tudo se faz». Ele e o companheiro querem ser pais. Ficou-lhes o gosto da anterior tentativa frustrada. Sonharam com uma criança que não che-

gou a nascer. Explico-lhe que há coisas que não estão destinadas a acontecer, que não depende da nossa vontade. Estamos totalmente nas mãos da história que trouxemos inscrita para cumprir.

Quando os papás chegaram de Moçambique e visitámos o apartamento que estava à venda, em 1985, apaixonámo-nos pela luz e pela vista das traseiras. Era uma casa aérea, suspensa no ar e com amplos horizontes. A mamã dizia que em casa onde há luz ninguém ralha e todos têm razão, mas, para dizer a verdade, na nossa casa foi-se ralhando periodicamente, ao longo dos anos, com e sem razão, como em qualquer outra.

Quando regressaram, os papás não conceberam a ideia de voltar às terras onde tinham nascido, porque haviam conhecido demasiado mundo para conseguir estabelecer-se na província. Isto nunca se disse, mas estava implícito. Tinham-me mandado para Portugal em 1975, imediatamente após a independência, e, como eu fora acabar a minha solitária excursão na Cova da Piedade, em casa da tia Maria da Luz, não foram mais longe. A Outra Banda era o braço direito da capital, descontraída e multicultural como a Lourenço Marques dos remediados, donde vieram. Por isso compraram aqui a casa onde acabaram os seus dias, e na qual vivo. Foi o Destino, ao qual ninguém foge, nem os próprios deuses.

O papá nasceu nas Caldas da Rainha em 1924. Aí conheceu a mamã que, sendo de Alcobaça, e tendo nascido no mesmo ano, passava férias nas Caldas, com a prima Irene, que lhe pedia ajuda no café de que era

proprietária. O papá migrou para Moçambique em 1952, em busca de uma vida digna. Uns anos depois pediu a mamã em casamento, por carta, e casaram por procuração, como era uso nestas situações. A mamã juntou-se-lhe após arranjar vaga para a longa viagem no navio *Império*. O papá tinha feito a viagem no *Pátria*.

Vim ao mundo doze anos depois. A mamã não aguentava os filhos na barriga. Fazia-os e desmanchavam-se por vontade de Deus, de maneira que pode dizer-se que o meu nascimento foi um milagre. O primeiro e o último nas nossas vidas. Estive para me chamar Maria Josefa, como a mãe do papá, ou Carla Maria, como a madrinha moçambicana, mas a mamã bateu o pé e nomeou-me Maria Luísa, por ser um nome mais alegre e lhe lembrar a Louise Brooks, atriz de Charlie Chaplin, cujos filmes vira projetados ao ar livre, nas noites de verão da sua juventude.

A casa que herdei dos papás é na Outra Banda, que, como toda a gente sabe, é um vasto e morno país do sul. E a Outra Banda recebeu-nos amorosamente e nunca de cá quisemos sair. Aqui repousam os nossos corpos, o meu em carne, os deles a caminho do pó, embora me esforce todos os dias por os manter vivíssimos e acredite nesse meu poder como na água que sai da torneira, se não houver rotura na rede de distribuição.

Comparo a nossa vida a uma travessia dos mares do sul, pejados de piratas e navegadores solitários, por vezes indistintos.

Quarto de solteira

Situa-se na parte de trás do prédio, virado a Oriente, com porta à esquerda da entrada no apartamento, aberta na mesma parede. O compartimento acede a uma varanda fechada, transformada em marquise, da qual se avista o rio Tejo e o Mar da Palha banhando Lisboa, Barreiro, Montijo e Alcochete. De manhã, o sol incide plenamente no quarto. Na porta que o separa da marquise pendem cortinas de shantung cinzento, diminuindo a abundância de luz.

Conheci o David nos primeiros meses de 1985. Era um jovem poeta que se revelava, e escrevi-lhe uma breve carta na qual manifestava admiração pelos seus textos, publicados na revista *Ideia e Acção,* da qual me tornara habitual leitora. Respondeu-me que agradecia, mas que não havia motivo para que eu me interessasse por um herdeiro dos levantados do chão. Não passava de um estudante-cabouqueiro, e nunca conseguiria transcender esse destino devido à divisão de classes, dizia. Não via em si qualquer valor. «Não valho nada. Não voltes a escrever-me.»

Bastou-me. A nossa correspondência intensificou-se, passámos a encontrar-nos na Amora e ele apaixonou-se por mim. Eu não estava para aí virada, até porque o miúdo ainda andava pelos 17 e eu tinha feito 21, mas no ano seguinte os meus planos sofreram um imprevisto. Fui atingida pela luz, e beijei-o no seu quarto com janela virada a sul, na casa suburbana dos pais, à Arrentela,

interrompendo uma tarde de leitura. Tive vontade e fi-lo. Ele também o desejava, mas não arriscava. Tínhamo-nos sentado no chão coberto de jornais, livros e revistas. Foi o início da viagem.

Conheci a Tony muito antes de o David aparecer na minha vida.

Em 1978, as mamas da Tony pareciam peras pequenas em crescimento, duras e simétricas, com mamilos marron.

Éramos companheiras de turma e camarata, no colégio da Lourinhã, após a descolonização, nos anos em que vivi separada dos papás.

Tony chegou a meio do primeiro período, no início de uma noite de novembro, durante o jantar. Assim que deram ordem para nos levantarmos da mesa, o senhor diretor chamou-me à pequena sala de visitas, de paredes forradas a madeira envernizada, na qual se encontravam penduradas as fotos emolduradas das melhores alunas, e apresentou-ma.

«É a Antónia, veio de Angola e os pais ainda por lá ficaram, como os teus. Têm tudo em comum para se apoiarem e serem amigas.»

O senhor diretor confiava em mim. É provável que os meus olhos evidenciassem uma vontade magoada que se refugiara no colégio desejosa de paz, vendo o céu no desenho da ordem institucional que se seguira ao caos, desde que chegara de Moçambique, no pós-independência. O colégio

era, naquele momento, e após o que eu atravessara, um luxo. Havia ali uma cama e refeições honestas. A lei era igual para todas. Eu já não era menos, retornada desigual, mas uma entre muitas que não tinham quem se ocupasse da sua educação ou que ali ingressavam de castigo por serem «malucas com os rapazes».

Não nos considerávamos problemáticas. Imagino que numa prisão os prisioneiros se vejam, mutuamente, como outros quaisquer, ali de passagem, gente sem lugar nem suporte. As pessoas são essencialmente iguais, em todas as coordenadas.

Tornei-me inseparável da Antónia, Tony para os amigos, que se impunha como rainha entre nós, com o ar frio e distante de uma perturbada Lispector angolana. Nem eu nem ela estávamos por castigo. Os nossos pais trabalhavam em Angola e Moçambique, tentando reconstruir o que tinham perdido com a descolonização, e nós tínhamos sido enviadas para Portugal para nossa segurança. Eu nada sabia sobre Angola, à exceção do que se aprendia de geografia e cultura na escola e dos nomes das misses dos anos 70, todas muito mais feias do que as de Moçambique. Sabia que Angola era África, mas África, para mim, era o sul do continente.

Escrevi infindáveis cartas aos papás nas quais descrevia a nova amiga angolana como sendo filha de gente importante, assim ela se apresentava. Tinha muita necessidade de que os papás aprovassem a minha nova e importante amiga, talvez

porque nunca tenham sido muito condescendentes com as amizades, sobretudo a mamã.

Tony era magra, bastante direita, e usava *Levis* muito justas, torneando a perna fina, a barriga chata e o peito pequeno. Eu era gorda, com alta miopia, barriga e mamas a sério. Eu era a subalterna. A boa e inteligente serviçal feia. Tony dizia-se aparentada com a realeza do retorno angolano, manifestava grande relutância por todos os afazeres, e rapidamente aceitou a minha oferta para me debruçar no tanque do quintal, aos sábados à tarde, esfregando as suas meias, soutiãs e cuecas, mesmo as manchadas pelo período, como se lavasse a roupa do meu corpo, mas mais sagrado. O da Tony era um rebuliço oloroso, comestível, onde em sonhos me cravaria inteira, caso a fusão corpórea existisse. Servia Tony como servimos a quem amamos, por bem, por vontade, sem esforço nem favor.

Aos sábados de manhã, depois do banho, com a pele ainda morna, passava-lhe o creme hidratante pelo corpo, exceto nas mamas e nas partes de pudor genital. A Tony despia-se devagar, e eu observava os músculos moverem-se sob a sua pele humedecida, esfinge impassível iluminada pela claridade da luz matinal, insuportável para os olhos, mas coada pela cortina bordada da janela da nossa camarata, murmurando um «sinto um bocado de frio para estar descoberta», soltando uma impressão de enfado pelo favor que fazia em deixar-se cuidar, embora lhe conviesse que alguma de nós se oferecesse como voluntária para

lhe massajar e hidratar a pele de rainha africana. Estendia-se de bruços, na estreita cama da camarata, relaxava com os braços pendurados, um de cada lado, e deixava-se tratar, enquanto a massagem rendesse. Tinha uma pele grossa de angolanos brancos um bocado misturados, ligeiramente parda, e longo cabelo ondulado e volumoso, caindo em cachos castanho-escuros com reflexos acobreados. A Tony era a Bo Derek em moreno.

Penteava-se puxando das têmporas, sobre as orelhas, mechas de fios de cabelo, que prendia na nuca, com o intuito de ajaponesar os olhos. Em Luanda, a mãe era uma senhora da alta que fazia depilações para fora. Por isso ela tinha conhecimentos sobre a prática, eliminando os pelos quase por completo, em partes do corpo onde nunca, até ali, me ocorrera que a depilação pudesse chegar. Escutava incrédula a terminologia e a descrição das técnicas e procedimentos conducentes à erradicação da pelúcia disseminada pela superfície da pele humana. Aparentemente, as mulheres não tiravam apenas os pelos do buço, pernas e sovacos. Em Luanda havia pessoas que depilavam a zona íntima, tudo. Custava-me muito a crer. A genética não tinha oferecido muito para depilar às mulheres da minha família.

«Os pelos púbicos nas virilhas, por causa do fato de banho?», perguntava eu.

«Não. Mais. Tudo. Aqui, e tudo para trás, entre as nádegas», explicava, entreabrindo as pernas e indicando as zonas nomeadas.

«As pessoas não têm pelos aí», argumentava eu.

Respondia-me que a mãe era especialista no assunto, o que lhe outorgava também a autoridade, porque já tinha visto muitas vezes, sim senhora. A minha imaginação visualizava a possível cena sem acreditar, até porque havia alturas em que a Tony, para além de sabida, se deixava apanhar em contradições, evidenciando uma tendência para o delírio.

A vida de Tony em Luanda era um filme americano de ação e suspense. O pai era mecânico de *Kawasaki* mas, nas palavras da filha, entrevia-se um *playboy* charmoso e endinheirado, que se movimentava na alta-roda com a mãe, quando não trabalhavam em mecânica e depilações, permitindo a Tony uma vida adulta e independente. As oficinas de motos em Angola pertenciam-lhe praticamente todas. Em Luanda, a Tony vestia calças e blusão em pele, de vários modelos, e deslocava-se em motos *Honda*, *Yamaha* ou *Kawasaki*, de alta cilindrada, para chegar à ilha e ao Mussulo, onde comia lagosta grelhada com limão e gindungo, nadava, surfava, praticava ténis, era campeã de motocrosse e Fórmula 1, e convivia tu cá tu lá com pilotos de todo o mundo, com os quais tinha já competido e frequentemente vencido. Frequentava as imensas casas de luxo de Emerson Fittipaldi e Bjorn Borg. Todos a admiravam e disputavam para os desportos motorizados e o ténis de alta competição. Era um talento promessa em todas as áreas do desporto.

«Estás a ver esta foto?!, esta prancha?! Sou eu num campeonato de surf no Mussulo; ganhei o prémio.» Eu discernia umas velas garridas, ao longe, e uns vultos impossíveis de identificar. Era a Tony a ganhar o campeonato de surf.

Em Luanda tinha uma banda, na qual cantava e tocava guitarra solo, com outros elementos de quem não reza a história. Era um sucesso na música, como nas pistas de dança. Frequentava discotecas com luzes multicoloridas intermitentes que acompanhavam o som da mais alta tecnologia, proveniente de potentes colunas de som espalhadas pela sala. Discotecas como a do John Travolta, dançando em *Saturday Night Fever*, ator que ela conhecia pessoalmente e tentava seduzi-la com flores e jantares sempre que ela se deslocava aos Estados Unidos, embora a Tony não lhe permitisse avanços. Considerava-o velho demais.

Aos 14 anos viajava sozinha de avião, carro ou moto pelo mundo inteiro. Não havia fonteiras que a travassem. Os polícias conheciam-na ou conheciam os pais, ricos, poderosos, ou sabiam que era amiga do Fittipaldi, e deixavam-na circular. Viam-na chegar, era a Tony, e podia passar. Nem mostrava o passaporte. Tudo facilidades. Ela sorria levemente e agradecia com distância. Lá onde aparecia as portas abriam-se, as pessoas paravam para a contemplar e escutar, a sua beleza causava disputas, resolvidas graças à sua intervenção. A Tony era mestre em karaté; era cinturão negro e, tal como incendiava duelos com a sua

sensualidade, punha-lhes fim com golpes certeiros de artes marciais. Depois de impor a ordem e a justiça, saía pela porta das discotecas e bares, envolta em roupa justa e brilhante, caminhando na passarela da sensualidade e da elegância, com os seus saltos, olhando para trás, de cabeça alta, antes de partir.

Nas veias da Tony circulava um sangue invulgar, único no mundo. Descobriu-se ainda antes da descolonização, ao fazer análises para participar em competições desportivas. Não era A, nem B, nem AB, nem O, nem positivo nem negativo. Era um tipo de sangue desconhecido entre os humanos.

A informação chegou aos americanos. Um dia os homens dos serviços secretos bateram à porta da vivenda-palácio em Luanda, de óculos escuros e fatinho cinzento-claro, depois de iludirem a vigilância dos cães treinados para atacar os pretos maus que queriam a independência, pediram para entrar, foram recebidos na sala maior e solicitaram aos seus pais autorização para a levarem, nas férias grandes, para uma infraestrutura subterrânea, em forma de bolha, num deserto americano que desconheciam, sujeitando-a a todo o tipo de testes, em ambiente esterilizado. A enorme bolha havia sido construída com o propósito único de servir para o estudo do sangue da Tony. A sua sobrevivência na Terra com tão estranho tipo de sangue era um mistério, mas a sua singularidade explicava a notoriedade desportiva, bem como a superior

altivez e elegância. Na bolha secreta, branquíssima, todos os intervenientes na experiência científica centrada na Tony vestiam complicados fatos de proteção, como os dos astronautas, ela incluída, e diariamente lhe administravam químicos por via endovenosa, lhe faziam análises, realizavam transfusões, e a escaneavam de alto a baixo em enormes máquinas eletrónicas, num cenário de ficção científica. Mesmo que os pais não tivessem autorizado os testes tê-la-iam levado, porque da descodificação deste fenómeno sanguíneo dependia a salvação da humanidade e a sua transição para uma nova fase científica e civilizacional. Assim que os serviços secretos americanos obtiveram a autorização dos pais, transportaram-na de avião e automóvel, sempre de olhos vendados, para que jamais pudesse seguir a pista e localizar o centro de alta segurança onde a testavam, e ninguém no mundo sabia disto, só os americanos, ela, os pais, e eu, mas não podia contar. Não, não contaria, claro, a quem iria eu contar uma coisa dessas, e se era segredo era segredo, ponto final.

Enquanto enumerava as aventuras internacionais, eu espalhava o *body milk*, devagarinho, pelas costas, braços e pernas do fenómeno angolano alienígena.

As prefeitas e as colegas consideravam os rituais de sábado vagamente questionáveis, embora nada nos pudessem censurar do ponto de vista «legal». Tudo se encontrava dentro dos costumes entre raparigas, mas pelo colégio começaram a correr

certos rumores, sobre mim e a Tony, que em nada beliscaram a sua reputação de beleza africana branca, bela entre as belas. No meu caso, o prejuízo era maior. Eu era a baleia.

No colégio dos rapazes, onde nos deslocávamos diariamente para assistir às aulas, a nossa sala era a última do corredor dos mais novos e os miúdos do ciclo juntavam-se para nos ver passar. Acompanhar a Tony era uma fonte de stress, porque ela atraía os olhares dos rapazes e isso piorava a minha situação. Estando ao seu lado, facilmente veriam a bela e, dois passos atrás, o monstro. Os rapazes rodeavam-na. Eu teria preferido ficar escondida. Ela chamava-me. «Esta é a minha amiga», apresentava, sentindo-se necessitada de companhia que não a ameaçasse. Eles riam-se, tolerando mas desdenhando, troçando da amiga gorda, nas entrelinhas das conversas e situações, porque era a Tony que queriam.

Atravesso o corredor das salas com botas de pele negra de salto alto, semelhantes às da Tony, entre o magote de raparigas. Vamos todas para as aulas de saltos altos, envergando a bata em algodão de xadrez vermelho e branco, farda que todas odeiam, e a que chamam pano de cozinha, mas que sinto proteger-me da gordura que se escancarará, caso me vista com roupa de uma rapariga normal. Sobre a bata, um blusão azul da *Melka*, em caqui grosso, comprado num saldo dos Porfírios, na Baixa, em Lisboa, no final do verão anterior. Encontrei-o num monte de roupa de

homem, quase tudo em XL, porque os homens têm direito a ser grandes. O corte masculino apresenta o desenho de tiras de tecido amarelo-mostarda e branco-sujo a todo o comprimento debaixo dos braços. Não escolhi a cor nem o modelo. Nada me servia. Escolheu-se sozinho. Eu cabia nele, e assim se tornou o blusão certo.

«Não aquece, mas serve-me. Visto mais camisolas interiores. Cá me arranjo. Sei manter-me à tona, não dar nas vistas, disfarçar-me na turba e esperar», pensava eu. «O futuro será melhor. Há de trazer-me uma casinha humilde mas calorosa, que será o meu castelo e o meu refúgio.» Imaginava que teria o aspeto exterior de uma casa operária que existia no caminho do colégio, cuja porta ao centro dava diretamente para o passeio, com uma janela de cada lado, a precisar de cuidados de pintura na fachada. No interior não seria uma casa qualquer, mas a caverna do Ali Babá e o tesouro escondido eram os tecidos e estofos, o mel, o conforto e a segurança. Essa seria a minha casa, uma outra barriga da mamã. Adormecia fantasiando a minha casa futura, compondo-a mentalmente.

Os rapazes do ciclo, que cobiçavam as mais crescidas, iam roçando as costas pelas paredes do corredor verde-azulado, enquanto passávamos, e nos atiravam piropos. Não estavam autorizados a sair do seu lado, o das portas das salas. Roçarem-se pela parede era a única forma de se moverem. Não podiam avançar no nosso sentido, o da parede das janelas altas, no qual também nos roçávamos e

trocávamos com eles olhares e palavras atrevidas, enquanto os professores não chegavam. Normalmente insultos de quem se ama. Parvo! Estúpida! És burro! Pernas de canivete! De passagem escuto, «olha a baleia, a baleia azul». Sou eu. Riem. Troçam. Não consigo perceber as frases completas. Recuso ouvir. Bloqueio a audição trespassada por esse nome adjetivado, que ecoa no meu cérebro, no percurso da sala de convívio feminina até à de aulas, e no caminho inverso. Fujo das vozes, sem apressar o passo, como quem disfarça que acabou de cometer um crime, como se nada escutasse ao redor, exceto a suíte número um de Bach para violoncelo, e não se tivessem pronunciado palavras que me diminuíssem, mas ao mesmo tempo negando-me a acelerar a passada, por absoluta recusa em reconhecer o motivo, porque não interessa o que pensem e digam, sou indiferente, no meu mundo imperturbável, só meu, onde permaneço intocável no covil de lobo escavado na fortaleza da minha alma. São apenas rapazes do ciclo, os mais novos. Poderiam ser os outros. Têm a sua razão. Uma baleia da cor do blusão da *Melka*, que não aquece mas disfarça a barriga. A baleia não lhes responde, não mostra ouvi-los. Eles gritam, «vem aí o monstro, o monstro da Arrábida!» «Da Arrábida?!», pergunto-me. «Qual Arrábida, a do Porto ou a de Palmela? Há um monstro numa Arrábida?!» Está em cena um filme com sucesso, do género do *Tubarão*, de Spielberg: *Orca, a Fúria dos Mares*. A orca é maior do que o tubarão, a caminho de

baleia, mas mais perigosa, evitável, um tubarão-baleia, fatal, horrendo, a abater sem mercê. Eles riem enquanto caminho, eles falam sozinhos, «ó orca, grande fúria dos mares, já comeste hoje alguém?!» Riem. Divertem-se, pueris e crus. Falam sozinhos. Mas a baleia ouve. Não querendo, as frases ficam inscritas no mesmo cérebro que as rejeita. A baleia. A orca. O monstro.

As mamas da Tony prendem os meus olhos. Neles vislumbro pomos viçosos e tensos, que apelam por mim. Idealizo sentir-lhes a densidade no côncavo da mão. É um pensamento que esvoaça pela consciência sem arranjar lugar, sem assentar. É um impulso canino sem nome, presente em *flashes* inoportunos, a que nego ocasião e atenção, mas gostava de sentir aquilo nas mãos. De experimentar. Ver como é.

Sou dextra e num dos sábados a minha mão direita escapou ao controlo e escorregou, cheia de creme, do lado externo para o interno da mama da Tony, deslizando pela margem inferior, em três meros segundos de achamento. Tony despertou do delírio sobre os prazeres do surf nas praias de Luanda, os luxos da sua vivenda nos arredores da cidade, as motos de alta cilindrada, e o ténis, nos quais era campeã internacional, gritou «És parva?!», e bateu-me na cabeça com o primeiro objeto que alcançou, no chão, junto à cama, no caso um dos sapatos de pele prateada, com salto

agulha, do par que tinha comprado para, com o Miguel, da nossa turma, participar na final do concurso de dança do colégio, no qual interpretaria *Dancing Queen*, dos Abba, de vestido branco, curto, de manga cava, profundamente decotado no peito e nas costas e com roda própria para o *disco sound*. Não tinha a intenção de me magoar, mas impunha-se intercetar o inaceitável abuso de confiança. Não pretendia ferir-me, mas marcar a sua posição de virgem inatingível, cuja sensualidade não se encontrava guardada para as minhas mãos com unhas roídas até ao sabugo, mas para as do jovem domador de leões, de *kispo* laranja, que depois veio a conhecer no colégio, chegado à turma mais tarde. O corpo da Tony era material reservado, e eu não passava de uma servente. Era o ponto de honra que pretendia esclarecer quando me atingiu com o finíssimo salto do elegante sapato, abrindo-me um lanho na pele do crânio. Ergueu-se, virando o tronco para o lado direito, e, empunhando a arma com a mão esquerda, bateu-me com ela. A ponta do salto chocou contra a minha cabeça, rasgou a pele e ficou presa pela capa saliente. Quando puxou o sapato, forçando a saída, rasgou uns bons centímetros, deixando uma estrada de sangue. Levei a mão aonde senti o ardor, trouxe-a ensanguentada, gritei, ela gritou, tapou as mamas com a toalha de banho, eu senti o sangue escorrer pelo pescoço, a prefeita acorreu, um número indeterminado de colegas assomou à porta da camarata, onde nos tinham deixado

entregues «àqueles lindos serviços», alguém me levou de urgência para o hospital no automóvel do senhor diretor, cujos assentos manchei de sangue, limpeza que mais tarde o papá pagaria, e pelo colégio inteiro, feminino e masculino, correu o boato de que eu e a Tony tínhamos tido uma violenta briga de casal e acabáramos. Errado. Não acabámos a não ser alguns anos mais tarde, e não voltei a tocar-lhe nas mamas. Fui olhando, porque olhar não está regulamentado pelos costumes.

Tony continuou a ser a mais linda e desejada do colégio, e eu singrei na carreira de «baleia azul», também «orca, a fúria dos mares», «bola de Berlim», «barril de sebo», «boneco da Michelin» e melhor aluna, resolvendo-lhe os exercícios de casa a todas as disciplinas, dando-lhe explicações de línguas e fazendo-lhe cábulas. Ela chegava à positiva a custo, mas o suficiente para passar o ano. Continuei a lavar e a esfregar a sua roupa no tanque do quintal, numa bacia azul-escura quadrada, na qual, quando lhe vinha o período, se formava, sobre a água da lavagem, uma espuma acastanhada. Ficava com os dedos engelhados, pálidos do frio e da esfrega vigorosa a sabão azul e branco da roupa interior, que depois estenderia no varal e passaria a ferro, para que ficasse tão branca como a minha cegueira por ela.

Os meses iam avançando. Decorriam tempos selvagens. Tudo era possível. No ano seguinte o primeiro-ministro Sá Carneiro morreria com a doce Snu, de olhos claríssimos, caindo abraçados

sobre os telhados de Camarate, na sequência de um obscuro atentado. A notícia passou no telejornal, que antecedia *Dona Xepa*, novela da rede Globo, com que no colégio nos entretínhamos antes da sessão de estudo da noite. Fantasio a queda durante a insónia frequente, revirando-me na estreita cama enquanto na camarata todas dormem. Visualizo-os durante a queda. Francisco diz-lhe, «não tenhas medo», diz-lhe «amo-te». Snu não responde, com os olhos perplexamente abertos. Fitam-se, enlaçam-se. De repente tudo estala, sentem o primeiro segundo e, de repente, o silêncio.

Do incidente com o sapato ficou-me, para o resto da vida, uma feiíssima e extensa cicatriz na têmpora direita, acima da orelha, que dissimulo sob o cabelo, mas não posso esconder nos salões de cabeleireiro.

No concurso de dança, Tony e Miguel ficaram em quarto lugar, tendo ganhado a Filó e o Américo, alunos externos de outra turma, com uma coreografia imbatível para o *Daddy Cool*, dos Boney M. A Filó ia mais bem trajada, com um vestido vermelho de ombro descoberto. Caía-lhe um enorme folho da manga existente até à axila do outro braço, nu desde a ponta dos dedos até ao lóbulo das orelhas. A Filó era uma loura, de cabelo farto, volumoso, com mamas inchadas e erguidas que o vestido mal escondia. Tony ficou doente toda a semana seguinte.

Esta é a verdade pura. Poderia enunciá-la quando me examinam a cabeça e perguntam

«o que foi isso?». Não é uma história demasiado longa nem complexa. Poderia contá-la sinteticamente, sem pormenores, a seco. «Foi um acidente quando era adolescente. Na brincadeira, uma colega atingiu-me com um sapato e feriu-me.» Mas prefiro mentir. Invento histórias. Já justifiquei a cicatriz explicando que fui vítima de violência por parte de um namorado que depois denunciei, e acabei dissertando sobre a necessidade de as mulheres não se subordinarem. Nem ninguém. Debito o discurso inteiro dos panfletos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Inventei nome para o bandalho, atribuí-lhe personalidade, família, situações de encontro e relacionamento, o que gerou no cabeleireiro muita discussão e catarse de experiências semelhantes. Já inseri a cicatriz no contexto de um acidente de automóvel com o papá, que via malíssimo.

«O meu pai tinha miopia, astigmatismo e presbiopia, e o pior é que perdeu o cristalino quando trabalhava no Songo, em Moçambique. Depois da independência não havia médicos, era a miséria absoluta, causada pelo caos da descolonização e pela guerra civil entre a Renamo e a Frelimo. Após o acidente com o cristalino, o meu pai passou a ficar encandeado com os faróis dos carros que vinham em sentido contrário, de maneira que nos enfaixámos contra uma árvore na berma da estrada, num dia em que fomos à terra, já em Portugal. O carro ficou sem préstimo e parte da chapa espetou-se-me no corpo, dilacerando-me a pele.»

«Teve sorte», exclamam, horrorizadas, as cabeleireiras e outras clientes. «Magoou-se só na cabeça?»

«Não, fiquei também muito esfrangalhada no peito e no abdómen, e esta marca por baixo do maxilar, está a ver?!, também data do acidente», e assim encaixo, de uma virada, com uma única narrativa, todas as cicatrizes do corpo. Segue-se a conversa normal sobre os problemas de se conduzir num país do desenrasca, como Portugal, onde não se cumprem regras de trânsito, se bebe demais, e se fala ao telemóvel, em total desrespeito pela vida dos outros. O perigo que se corre, e depois o custo dos seguros, sobretudo se forem contra todos os riscos, e grande catarse de experiências com acidentes de viação, que já toda a gente teve e, vendo bem, é assunto devidamente normalizado pelos meios de comunicação. Aprendi truques. Rapidamente a assembleia esquece a cicatriz na cabeça e adiante. Eis a mentira. Estou aceite. Podemos avançar para outros temas e esquecer a minha cabeça, a minha história.

Podem perguntar-me por que invento. Por que não atiro aos outros a verdade fria? Haveria de se seguir conversa sobre os excessos dos adolescentes, as parvoíces que lhes passam pela cabeça, consequente catarse sobre os desmandos que se cometem, experiências semelhantes que todos vivem, mas a elaboração da mentira protege-me do que sinto e fui. A verdade é excessivamente limpa para a devassa de cabeleireiro.

Torná-la-ia uma vulgaridade. Não cometo essa profanação.

Em 1986, quando Mário Soares chegou à presidência, após eleição em segunda volta contra Freitas do Amaral, com a minha ajuda, embora tivesse votado em Maria de Lurdes Pintasilgo na primeira, o blusão azul da *Melka* encontrava-se ainda pendurado no guarda-fatos da parede do meu quarto, onde estudava com o David, que me ajudava com a matéria das aulas a que faltava, sobretudo Filosofia Medieval, para poder trabalhar em sítios diversos. Eu e o David tornáramo-nos colegas na faculdade. Era o seu primeiro curso e o meu segundo. Eu já era a senhora professora, mas estudávamos juntos. Tinha tirado um primeiro curso de Letras que me habilitava a lecionar Português e Inglês, mas nunca senti grande inclinação para a análise literária. A hermenêutica adormecia-me. Trabalhava em *part time* na Rádio Aventura, a recibos verdes, e em *part time* na escola, como professora contratada, mas decidi candidatar-me com o David ao curso de Filosofia, porque nos interessava estudar o pensamento que tinha enformado a nossa civilização, para vir um dia a compreender as camisas de força culturais que nos moldam sem que tenhamos noção do seu enleio.

Tinha montado um pequeno escritório na marquise da varanda do meu quarto. Ao receber o primeiro salário na escola, comprara uma estante com escrivaninha incorporada e usava uma cadeira de estofo amarelo, trazida da sala de jantar,

originária da mobília de sala da casa de Moçambique, onde me sentava para estudar, escrever, preparar aulas e corrigir testes. Ao final da tarde, posicionando a cadeira de frente para a janela aberta, observava-se o espetáculo do Mar da Palha e da cidade de Lisboa, muito perto, sob a luz saturada que caía de Oeste. O casario destacado, e todo o estuário do Tejo cercado de subúrbios operários onde a vida pulsa sem cenário, do Barreiro a Alcochete, mudando a água de cor consoante o estado do tempo. Água azul mansa, verde-esmeralda, verde-seco ou prata, e, em dias de tempestade, de um púrpura acinzentado, por vezes azul tinta-da-china e alaranjado.

O David sentava-se à janela da marquise--escritório, nos intervalos das sessões de estudo, observando a vista que se alcançava do sexto andar. Era meu namorado. Na altura dizia-se que andávamos.

Aproveitávamos as idas dos papás à terra ou de férias para nos fecharmos em casa, enfiando-nos um no outro, lambendo-nos, cheirando os corpos mornos e atiçados. Era o que mais queríamos. Havia o cheiro bailarino do desejo pré-coito, o cheiro pesado do desejo realizado e o tato da pele oleosa da cara, seca no peito, as borbulhas nas nádegas e costas. Descobríamos o corpo do outro, brincando, tocando, apanhando, puxando. O David não tinha tido outra mulher nem eu conhecera completamente outro homem, só ameaços. Era um feliz encontro de sexos e almas.

É quase meio-dia e o sol bate de chapa na cama. Os papás saíram de casa às seis da manhã para ir à Póvoa de Varzim pagar uma promessa a Santa Alexandrina, por via do colesterol e da hipertensão do papá, e o David tocou à campainha às sete. Abro-lhe a porta, zangada, porque me prometeu chegar às seis e meia, e eu tenho a mania da pontualidade. Despimo-nos e metemo-nos na cama, ficando a dormir abraçados o resto da manhã, a pele de um aquecendo a do outro. Acordamos com fome. Comemos.

Ainda não fizemos amor e no momento não existe no ar essa energia. Estou estendida na cama, ele sentado, e conversamos. Pede que lhe mostre a vulva. Nego. É uma vergonha, essa parte de mim tão feia. Insiste. Quer observar, conhecer o desenho. «É arquitetura, é anatomia e também deve meter teorias de Estética», diz, rindo-se. «Não tenhas vergonha. Já fizemos tanta coisa.» Sou sensível ao argumento, bastante aceitável. Cedo. Tiro as cuecas, abro completamente as pernas contra a detestável luz da manhã atravessando os vidros, rude e poderosa. O David dobra-se sobre o meu sexo e mexe-lhe afastando dobras e lábios. Sinto-o mexer-me com curiosidade. Segura os pequenos lábios, depois puxa os grandes, diz-me «tens aqui um sinal de carne, como se fosse uma lágrima», toca-me na vulva, prende os dedos nos meus pelos púbicos e penteia-os com a mão, afaga-os, sente a textura da pele das virilhas, pergunta por que é mais escura. Depois beija-me

o sexo, levanta-se e eu fecho as pernas. «Estás contente?», pergunto.

«É complexo. Parece uma flor a abrir. E também há metafísica envolvida.»

Estudamos um pouco. Conversamos. Rimos sempre bastante. Sentamo-nos à varanda contemplando o final da tarde e namoramos na cadeira de estofo amarelo. Ponho-me sobre as suas pernas, peito com peito, beijando-o. Cheiro-lhe a cabeça e o pescoço. Mete as mãos sob a minha camisola e levanta-me o sutiã, soltando-me as mamas, que sustenta e comprime. Gosta do peso. Afunda nelas a boca, lambendo-as e cheirando o odor doce que exalam. Aperta-me a barriga e as nádegas, alternadamente, cravando nelas as garras. É só carne a ser agarrada com gadanhas de fome. O beijo progride e uma névoa de instinto cru subjuga o meu corpo. Faço descer com dificuldade o zip dos jeans muito gastos do David. O zip prende. A braguilha custa a abrir, com ele sentado. Endireita-se o mais que consegue, para facilitar o desprendimento. Baixo-lhe o elástico das cuecas e seguro o sexo liso, duro e quente, que lateja com um cheiro ácido a carne húmida, cálida, borrifada de suor e aflição. Engancho-me nas suas pernas, soltando a ponta da saia do peso das minhas para que não me prenda os movimentos. Esmago o meu corpo contra o seu, com os pés apoiados nas travessas da cadeira. Com a mesma mão com que afasto as cuecas seguro o seu sexo, e encaminho-o, às cegas, para a boca do meu,

enquanto nos mordiscamos onde calha, e me penetro com ele. O pénis preenche-me e expiro, como se acabasse de saciar a fome após comer bem. Montada sobre ele, balouço-me, movendo a anca, sacudindo-me, empurrando-me e empurrando-o, cravando-o contra a cadeira. Respiramos ruidosamente no embate, transformados numa peça de módulo único, pela enxertia dos sexos. Balbucio palavras sem sentido, golpeio-o com a minha anca. Imobilizo-o com as pernas e os braços e escoiceio. «Não te mexas, não te mexas», suplico. «Deixa-me ser eu.»

Esfrego-me na coisa só minha, inútil, só minha, sem serventia para mais nada, afundo-me na terra de carne, sangue e fogo, até o cérebro sentir, ao fundo, cada vez mais perto, ao seu redor, uma emanação de dor opiácea, que se mostra e esconde, como o lume num isqueiro gasto que procuro acender. Sacolejando-me, procuro o ponto de ignição, vem coisa imaterial ao redor de mim, vem, e há um instante em que agarro essa névoa por um braço, perna, um farrapo, a agarro toda, a puxo com força, a seguro, tenho-a, prendo-a, e, mantendo-a, deixo-a rebentar no momento em que cruza inteira o tamanho do meu corpo, não sei em que direção, vai, não sei quem sou, não pertenço a lugar algum, sexo e cérebro são uma esfera de luz-prata na qual nos suspendemos por segundos, não mais, cegos, só dor luminosa no lugar do nada, ópio que não pode durar mais ou morremos, e está a ir, os restos tornam-se

mais fracos, acaba, agora só a carne usada, dormente, deixando-nos moles, esgotados, humanos de novo, ofegantes, os dois corações pulsando um contra o outro, cada um em seu peito, ignorantes.

Não nos dizemos nada. Não há nada a dizer. Inspiramos e expiramos, fundo, várias vezes. Voltamos a nós, à vida, porque morrer ou nascer ou lá o que é transtorna. Voltamos a nós, olhamo-nos e pensamos: «O que foi isto, bolas, o que foi isto?» «Penso que já podemos morrer, David.» Mas não lhe disse.

No meu quarto, ao longo dos anos, brilha este pénis ereto e fresco como um legume colhido pela madrugada. Cheira bem, morno e içado.

Percebo as veias que o percorrem à luz muito filtrada pelas cortinas. Quer-me. Quero-o. Beijo-o, desenho com a ponta da língua as curvas da glande, saboreio a camarinha que se forma no meato da uretra, e roço nele o rosto, os cabelos, o peito, as mamas, a barriga. Uso o brinquedo como me apetece. É só da menina.

No meu quarto, na minha cabeça, ao longo dos anos, permanece este pénis ereto como nenhum outro. Quantos anos viverei? Sempre o mesmo, mil anos ereto, os mil da minha vida. No dia em que me atirarem à cova, brilhando ainda. Enquanto houver uma célula da minha pele mal varrida do chão, na casa vazia, ou um resto do odor das minhas axilas, um nervo flexível, um

elástico bem esticado, retesado. Só eu posso vê-lo. Só eu conheço o seu cheiro a erva ceifada rente ao chão. Sinto-o duro contra a minha anca. Treme. É só meu. Acorda-me. Anima-me. Parece um cato tenro e sem espinhos, esse altar junto ao qual deixei de rezar quando perdi o coração.

A minha relação com o David acabou em 1990, no último ano da licenciatura. Ele desejava conhecer outras mulheres, deleitar-se com o amor que existia para além de mim, e aceitou o desafio de uma aposta com colegas: conquistar uma caloira do mesmo curso. Ganhou-a.

À parte o compreensível desejo de viver muitos amores, muitas experiências, era um bom menino, influenciável mas bem formado. A honra dos bons meninos exige o cumprimento das obrigações assumidas. O David não tinha outra namorada. Eu desaparecera do mapa, esfacelada pela sua vingança, deixando-o nas suas próprias mãos e nas de quem o quisesse apanhar. Tendo ele terminado o curso com classificações históricas, e sendo um exemplo na faculdade e na Arrentela, casou dois anos depois com a ex-caloira. Era o que todos dele esperavam e essa linha o David não pisava.

Os pais do David nunca gostaram de mim. Eu era velha demais para o fruto da mais delicada metalurgia. A minha mãe não gostava do David. Ele era um garoto sem arcaboiço para as quali-

dades que via em mim. Por isso a nossa relação foi tendo abalos relacionados com a resistência familiar e as diferentes expectativas que separam um rapaz de uma mulher.

Quando acabámos pensei em homicídio. Matá-lo de diversas formas. Ponderei tirar uma licença e comprar uma arma. Havia métodos mais fáceis. Uma facada no peito, um golpe na garganta. Havia de o deixar esvair-se em sangue, e esfregar-me no seu corpo lacerado, para que, vivendo, trouxesse o peito sujo e cheio do que a vida me roubara. A culpa da morte de um amor impossível não haveria de ser pior do que a lucidez de o ter perdido. Sonhei matá-lo, mas, em nome da sua paz, e do que para mim estava perdido, abdiquei do projeto. Não matamos. Aceitamos a derrota. Parece um filme reles, mas o amor é um filme de péssima qualidade.

Ao mesmo tempo que desejava matá-lo, sonhava regressar com ele às dunas de São Jacinto, para onde rumávamos com frequência. Queria voltar com ele ao princípio do mundo, à deriva dos continentes, à mutação das espécies, ao chão de barro, à rocha, ao fogo, à gruta, à colina de sol e vento dos antepassados, onde nos olhámos parados, como se olham dois animais pela primeira vez, e cheirámos e lambemos mutuamente os sexos, como fazem os bichos; queria regressar ao lugar agreste e sagrado do nosso amor ceifado rente.

O desejo de morte mudava de direção e pensava que talvez fosse mais fácil matar-me. Mas

não, não, mesmo pelos meandros da loucura considerava que matar-me seria um grande desperdício, avaliando o investimento já realizado.

Não recordo as cadeiras que tivemos nesse último ano de faculdade. Apagou-se tudo exceto meia dúzia de imagens mentais do edifício da sala de aulas voltado para o grande pátio com árvores, em cuja parede exterior existia um banco em cimento muito liso no qual o David e a nova namorada se beijavam, brincavam e esfregavam nos intervalos, enquanto eu assistia à humilhação e a turma, incrédula, observava uns e outra, esperando que estourasse alguma coisa em algum momento. Eu arrastava-me para a faculdade e só o orgulho me mantinha em pé e de cabeça erguida. As mulheres da minha família não exibem sinais de rebentamento. Consegui acabar o curso porque um dos professores me transformou a frequência final num trabalho escrito que me autorizou a compor em casa, em sossego, mas pouco fiz e mal. Valeu-me o homem ser oficialmente um romântico e ter-se condoído da minha situação, embora nunca tenhamos conversado sobre os meus padecimentos. Eu estourara para dentro. Chegado o final do ano letivo, o médico proibiu-me de sair de casa, porque me queixei de já não ser capaz de entender o código dos semáforos e de não saber se o vermelho era para avançar ou para parar. Orientava-me seguindo a multidão que atravessava a passadeira. O pior era quando me defrontava sozinha com a necessidade

de a atravessar. «O doutor pode escrever-me num papel quando é que se avança e quando é que se para?», pedi. O médico olhou para mim, medicou-me e entrei num limbo de onde demorei a sair. Voltei a sentir-me relativamente acordada em meados dos anos 90. Lembro-me de ter saído da Rádio Aventura por essa altura, desiludida com a falta de reconhecimento do meu trabalho. Além disso, acumulava empregos, pouco dormia, e para quê tanto esforço, tantos instrumentos tocados ao mesmo tempo?! Dediquei-me totalmente ao ensino. Gostava de dar aulas, atividade na qual me sentia bastante recompensada pelo afeto dos alunos e pelo meu gosto em pensar com eles sobre o que outros tinham pensado.

Lembro-me de que em 1995 o papá sofreu um grande desgosto com a derrota de Cavaco Silva nas legislativas. Aí vinham de novo «os comunas, patrocinados por Soares e amigalhaços», proclamou. Depois iniciou-se a era Guterres, no final da qual o papá morreu. Contra as suas conjeturas, o país parecia levantar voo, pela primeira vez nas nossas vidas.

Lembro-me de que passei a viver e a dar as minhas aulas em Grândola. Os dias iam-se sucedendo entre atividades letivas, fichas, testes, reuniões de tudo e para tudo, atas, relatórios, papelada, tal como se espera que a vida seja, e lembro-me de que chegou ao grupo disciplinar uma nova colega, vinda da escola onde o David lecionava, na Margem Sul, afirmando que ele

fora pai de uma linda menina, ia a caminho da segunda, e se passeava pela escola todo vestido de fato branco, como o Carlos da Maia, convivendo em festas de fim de semana com outros colegas, tudo em casal, tudo como manda a lei. Eu não podia crer. O David do Che e da «Energia Nuclear Não Obrigado»?! Ela confirmava.

Lembro-me de não ter a certeza se o Eça teria vestido Carlos da Maia de branco, mas ficou-me essa ideia de *dandy* da educação pública, o que não me pareceu mal. Cada professor tem a sua pancada e há que respeitar as pessoas na sua ofuscante diversidade.

Estive fora da Margem Sul mais de uma década, trabalhando nos dias úteis como moura da educação. O papá estava muito doente, o que me obrigava a regressar nos fins de semana, férias, folgas e feriados.

A ausência do David era omnipresente. A vida pesava à vontade os quilos de um frigorífico, de uma máquina de lavar roupa, ou de um móvel aparador de sala, mas tinha dias. Por vezes não pesava tanto ou não pesava mesmo nada, e sentia-me uma semente que flutuava.

Às vezes pensava «agora não aguento» e escrevia nos meus cadernos qualquer coisa para continuar. A história de um homem do café que se oferecia para ajudar outro que não conhecia, mas que tinha sido expulso de casa pela mulher traída, ou o episódio das sandálias de salto alto que o papá, aos 10 anos, me comprara na avenida 24 de

Julho, em Lourenço Marques, contra a vontade da mamã, para quem três centímetros de salto eram um incentivo ao caminho da desonra. Escrevia sobre conversas que ouvia na mesa do café, tal e qual como as ouvia, ou introduzindo elementos especulativos, morigeradores, manipulando a realidade. Eu não aguentava a vida. Estava metida num jogo que me via obrigada a jogar sem lhe ver o fim. Por isso escrevia. «Estou aqui sentada e entornei parte do café no pires.»

Podia viver sem o David e fantasiar. Sabia viver sem os que amava, mas sem escrita a vida não tinha por onde continuar. A estrada acabava. O ruído colossal das marés de setembro, nas praias da Comporta, esvaziava-se. Sem escrita não havia uma casa onde chegar, tirar o casaco, pendurá-lo, acarinhar a cadela, levá-la à rua, regressar, alimentá-la, sentar-me no sofá e apreciar o gesto. Podia viver sem tomar banho, sem beijos, mas sem escrita não. Ninguém entendia isto, e viravam-me as costas como se referisse uma mania, um vício de gente abastada que se pode dar a luxos. «Estás maluca.» Houve uma altura, quando a prisão que a minha vida constituía se tornou demasiado clara e crua, em que comecei a ver cada vez pior. À medida que aumentava a minha visão interior do mundo, piorava a exterior. A oftalmologista teve de me aumentar as dioptrias afirmando ser coisa incompreensível, porque a miopia tinha tendência a estabilizar na adultícia, não existindo outras doenças, mas em mim cavalgava sem razão.

Acordava com dificuldade e escrevia para me aguentar, dia após dia, mesmo que nada tivesse a dizer. Escrevia, «estou só aqui à espera». A compreensão é um castigo. Nunca mais se consegue ignorar a jaula nem o jugo.

Poucos anos após a morte do papá, no ano da queda das Torres Gémeas, vendi a casa alentejana e pedi transferência para Almada. Impunha-se regressar ao cuidado da mamã, que ficara sozinha e necessitada de atenção e companhia. Voltar à casa de Almada agradava à mamã, que assim controlava mais facilmente as minhas horas de entrada e saída, telefonemas e o estado geral da pele e do cabelo.

Assim, no verão, aos sábados à tarde, para grande agrado da mamã que me preparou para tudo na vida, mudo os lençóis das nossas camas e lavo-os no tanque da varanda da cozinha. Continuo a gostar de lavar à mão, em tempo bom, com sabão marselha ou azul e branco. A roupa lavada à mão cheira aos dias da infância, a que não me quero poupar. Lavo, envolvida nos meus pensamentos. A água fria molha-me os braços, as mamas e a barriga. É um prazer e uma liberdade! A dose mínima que nos é facultada, como uma mercê da qual pagamos tributo, mas potencialmente absoluta a cada momento. A liberdade condicionada que nos é consentida, regime sob o qual nos habituamos a viver e a que chamamos «liberdade». Molhar-me é a liberdade admitida.

A mamã admira a qualidade do meu trabalho doméstico. Percebe que, não tendo amor por ele, faço, faço bem, vou ao fundo. Quando a ouço dizê-lo penso que poderia ser a divisa do meu brasão, se tivesse nascido com sangue nobre.

Cheira bem a roupa lavada, como nos tempos em que tratava a da Tony, no tanque do colégio, sob o caramanchão de glicínias lilases, chegando a primavera, e pelo verão fora, até alguém me vir buscar para umas semanas de férias.

Lavei muita roupa à mão desde que cheguei a Portugal, muitas vezes no lavadouro da prima Fá, em Alcobaça, no auge do inverno, quando uma capa de gelo se formava sobre a roupa que deixávamos de molho em tinas, durante a noite. Quebrávamos o gelo de manhã, com uma pancada a punho, esperando que as nódoas nas cuecas, que deveriam manter-se honradamente brancas, tivessem esmorecido, para esfregar menos, ou seríamos umas porcas, umas desleixadas sem préstimo para marido e filhos.

O senhor diretor não gostava de me ver lavar a roupa da Tony no colégio, nunca aprovou a minha dependência dela e tolerava-a por amor a mim. Não a rotulava, mas sugeria que a Tony era de outro calibre, outro tipo de louça. «Fogo-de--artifício sem substância. Entretenimento para os olhos.» E eu ia pondo água na fervura.

Estamos sentados na salinha de visitas onde hei de ter a minha foto emoldurada e exposta.

O senhor diretor mandou chamar-me, o que acontece amiúde, não para levar ralhetes, mas para me transmitir recados relacionados com pedidos que outras internas lhe fazem chegar através de mim, ou só para conversar. As prefeitas estranham o convívio, que não me confere simpatias. Sou a melhor aluna. Pede-me para ler os meus testes corrigidos e classificados. Comenta-os. Lê as redações em voz alta. «Sim, senhora, sim, senhora.» Aprecia. Conta-me as suas histórias. Foi missionário leigo em Angola. Andou a civilizar pretos no interior. Fala deles com admiração. «Eram honestos, dignos e orgulhosos.» Bebeu a cultura nativa e viu nela nobreza. Interessa-lhe conhecer a minha opinião sobre a independência das colónias, as regras do colégio, a vida, tudo, mas eu sei pouco. Só quero agradar aos papás, ter boas notas, emagrecer para ficar linda como a Olivia Newton John, arranjar um namorado quando tiver dezoito anos, depois casar, ser amada para sempre sem sobressaltos, ter filhos e um trabalho no qual seja feliz. Não sei qual. Divago e idealizo. Ele ri-se.

«Maria Luísa, a felicidade ainda não foi inventada», afirma.

«Tenho a certeza de que seria feliz se fosse livre», garanto.

«Pois sim, a liberdade está disponível em cada esquina!» Ironiza quando lhe falo sobre a que eu e as restantes internas almejamos.

«A liberdade e a felicidade dependem uma da outra. Se existe uma, existe a outra», defendo.

Acha-me sempre graça. Gosta de me ouvir. Da minha companhia. E continuo as reivindicações. «Por que não podemos sair sozinhas, como os rapazes? Ao menos ao domingo à tarde, sem as prefeitas atrás e à frente, na fila, vigiando-nos como cães de guarda. Não somos freiras. Por que não somos nós dignas de confiança enquanto os rapazes não precisam sequer de provar merecê-la?»

«Não é por ti, é pelas outras», responde.

«Quanto mais presas, mais desejosas de fuga. É injusto. É injustificável.» Exalto-me.

«Justiça?! Injustificável?!», exclama. «O que sabes tu sobre justiça, e com que critérios julgas o injustificável?! O que sabes tu da vida, Luísa? O que sabes tu...»

«Sei o que a minha mãe me ensinou: que não devemos fazer aos outros o que não queremos que nos façam a nós. É a justiça. O que estiver fora deste preceito é injustificável.» Continuo a argumentar. Não me calo. Insisto muito: justiça, liberdade, felicidade. Ser livre e feliz lá fora. Quero isso no futuro. É o que hei de ter.

«Crê em mim que tenho mais anos em cima. Escuta: a liberdade não existe, a felicidade não existe. Nunca as encontrarás. O que tens nunca te será suficiente.» E ri-se de novo, abanando a cabeça, consciente de que não posso abarcar tudo o que sabe, dizendo baixo «tem sempre resposta, sempre resposta», mas sabendo que o ouço. Estou a ouvi-lo. O senhor diretor estima-me, admira-me. Vejo nele um pai, o pilar seguro de uma

ponte que me ajuda a navegar na corrente tumultuosa do perigoso rio da adolescência.

Ignorante, contradigo o homem que foi missionário nos anos 20, que atravessou o mar e quase um século de gostos e desgostos, que poderia ser meu bisavô, e não me impeço de invocar o ideal que desejo sem limitações. Por um lado sou arrogante, por outro não posso conhecer o futuro antes do tempo. A história não se conhece antes de acontecer. Não segue exemplos, repete erros e recomeça a cada era.

Estou longe de perceber que o senhor diretor tem razão, e mais longe ainda de compreender que é possível conquistar ilhas de liberdade e gozá-las momentaneamente. Não posso saber, ainda, que nos cabe a responsabilidade de estabelecer as fronteiras da liberdade que nos permitimos gozar. Nós e a polícia de costumes em nós.

Não o valorizei, nesses anos. Encarei-o como o velhote antiquado, cheio de sentenças. Aos que me amaram fui-os vendo como carcereiros, antagonistas causadores de impedimentos à minha viagem. Amem-me, mas libertem-me. Só posso retribuir o amor sem sujeição. Não me tolham os passos. Não me culpem e não me cobrem. Nada.

Por outro lado, o senhor diretor era exigente, autoritário e possessivo. Pretendia ser o centro do mundo e dos seus amores, e eu fui um deles. Reconheceu-me e não me largou, mesmo que o tivesse subestimado, desprezado, e respondido com arrogância às suas cartas avisadas.

Assim que saí do colégio reagiu à minha distância escrevendo, numa terrível missiva datilografada, que a ausência de notícias minhas revelava que me havia transformado num «farrapo humano, repelente e desprezível».

Na semana seguinte, esquecido das emoções da anterior, enviava, para minha ilustração, recortes da rubrica «Defendamos a Nossa Língua», de Bento Lopes, «uma competência no assunto», do *Jornal da Bairrada,* região de onde era natural.

Tenho passado a vida inteira a aprender português, estimulada pela sua confiança nas minhas letras, e evitando transformar-me no farrapo humano repelente e desprezível profetizado nessa carta.

As pessoas morrem e depois já não podemos dizer-lhes de viva voz que tinham razão, que aprendemos as suas lições, que compreendemos o quanto nos amaram e as amámos, ainda amamos, não tendo culpa de aqui andarmos tantos anos cegos, surdos e mudos.

Hoje lavei com dificuldade os lençóis de sábado à tarde e só porque a mamã exigiu. Sinto-me cansada da labuta doméstica. O pombo da varanda de trás arrulhou a manhã inteira, cortando o meu sono às fatias. Tenho de me habituar a suportar tudo, como suporto o ruído da máquina do elevador, cuja caixa se situa por cima do meu quarto.

Tem estado calor e durmo nua sobre os lençóis de algodão branco do meu enxoval, que resolvi

começar a usar. A mamã não gosta que durma nua. A mamã diz que uma mulher séria não tem hábitos desta natureza, mas eu sou de uma seriedade que a mamã não concebe.

De manhã, ao acordar, viro-me para o lado e estendo o braço. A cadela não está no seu lugar. Movimento as pernas e não a sinto ao fundo da cama. Deve ter-se afogueado com calor e procurado o chão.

Sonolenta, esfrego a barriga do antebraço estendido. É bom. A minha mão gosta de sentir o antebraço macio e ele gosta de sentir a mão que o afaga. Acho que nunca me acariciaram a barriga do antebraço, nem o David. Deixo-me ficar. Volto a adormecer apesar dos ruídos da manhã, dos carros que circulam ou apitam, das pessoas que sobem e descem no elevador, campainhas que tocam, conversas de vizinhos que vêm da praça carregados de laranjas, pimentos, cebolas e carapau para assar, no decurso da narrativa épica do quotidiano.

Pelas onze escuto a cadela bebendo água na tigela do corredor, levanto-me, abraço-a e recito-lhe, meio a dormir, *A fermosura desta fresca serra*, de Camões. Digo-lhe a ladainha enquanto ela arfa e me lambe a cara. *Sem ti tudo m'anoja e m'avorrece*. Recito. E beijo-a e sinto-lhe os beiços molhados e frescos.

Vamos à praia, corremos, fazemos buracos na areia, lemos 20 páginas de um livro do Coetzee, bebemos chá e chegamos a casa ensonadas.

Deitamo-nos de novo quando ainda há réstias de sol no horizonte, e adormecemos na paz do universo. Acordamos de manhã. Há um grande rebuliço lá fora e nós muito confortáveis na cama. Levantamo-nos brevemente. Comemos porque temos fome. Fazemos xixi porque é uma urgência. Concluímos que se está bem no ninho, por isso metemo-nos nele outra vez. Digo-lhe, «chega-te para lá, que estás toda no meu lugar». Mexe-se um bocado. Estamos assim todo o dia. Dormimos. Acordamos. Leio. Deixo o pensamento evadir-se e ando pelos meus mundos, esquecida deste. Apagamos a luz por volta da meia-noite. Corre uma brisa fresca. Dormimos embaladas pelos sonos mútuos, ouvindo sem ouvir os ruídos produzidos, sentindo sem sentir os movimentos de quando se muda o corpo de posição, uma perna, um braço, o tronco todo, e nos empurramos, e aconchegamos, e quando acordamos percebemos sem perceber, porque era sobretudo um sentimento inexprimível, que há muito tempo nos havíamos transformado em apenas uma. Eu e a cadela somos um único bicho.

Estamos em 2004, nos anos de bulício político que se seguem à demissão de Durão Barroso e antecedem a chegada de José Sócrates ao poder, dando início à destruição do ensino estatal, a golpes de picareta, comprando propaganda, em página ímpar, inteira, nos jornais diários, com

o dinheiro da fiscalidade imposta aos cidadãos, atingindo o que considera ser os privilégios que os professores auferem. Inicia-se o calvário e a descida ao Inferno.

Eu acabara de regressar à Margem Sul, para onde pedira transferência, e o programa informático do Ministério colocara-me na Escola Secundária da Quinta da Princesa. Tinha ido parar à escola onde o David lecionava. Vimo-nos na biblioteca, à tarde. Ele conheceu-me de costas. Eu conheci-lhe a voz. Virei-me. Olhámo-nos. Nesse momento, na biblioteca, o incêndio ateou-se pela segunda vez.

Isabela Figueiredo

nasceu em Lourenço Marques, Moçambique, hoje Maputo, em 1963, filha de portugueses oriundos da zona Centro-Oeste de Portugal. Após a independência de Moçambique, em 1975, rumou a Portugal. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Especializou-se em Estudos sobre as Mulheres, na Universidade Aberta. Trabalhou como jornalista, no *Diário de Notícias*, entre 1988 e 1994, onde foi também coordenadora do suplemento *DN Jovem*. É professora de português no ensino secundário. Escreveu *Conto É Como Quem Diz*, obra que recebeu o primeiro prémio da Mostra Portuguesa de Artes e Ideias, em 1988, e *Caderno de Memórias Coloniais*, publicado em 2009 pela editora Angelus Novus, posteriormente revisto e reeditado pela Caminho em 2015. Escreve regularmente para o seu blogue *Novo Mundo* (http://novomundoperfeito.blogspot.com), bem como para a Imprensa.